

O indígena amazonense é caracteristicamente enciclopédico no seu ambiente natural; detém o maravilhoso poder de observador experimentado da natureza. Contemplativo - cha mou o sagaz cronista; e grande compositor denominou o outro. Integrado na Natureza é ele o homo vegetalis que supre suas necessidades utilizando a farmácia que a selva gene rosa lhe oferece em primeira mão. A sua sabedoria não é divinatória, mas aspira ser transcendental, se bem que àquela filiada; é mais prática e mais experimental. Uma lon ga existência em contato diuturno com a selva proporcionou-lhe a vantagem de conhecer e de utilizar as espécies vegetais em seu próprio benefício e no da sinúsia. Por isso mesmo não é ele um mero improvisador circunstancial de receitas médicas ou um fator de prognósti - cos. Pode acontecer que a sua medicina falhe tanto quanto os prognósticos, mas nas do enças de natureza epidérmica ou orgânica é quase certa a aplicação do remédio surtir o efeito desejado. Todavia não é comum numa tribo de índios a habilitação de qualquer in divíduo ao ofício de curar. Tirante as mulheres idosas, que detém algum conhecimento e poder discricionário e podem aplicar panacéias, somente ao xamã ou ao pajé-sacaca será conferida a autoridade para decidir da natureza da doença que afeta o indivíduo a apli car-lhe o remédio justo ou supostamente adequado.

A medicina indígena de caráter curativo gira em torno de um processo mágico-reli gioso enraizado no estatuto moral da comunidade. Não pode extrapolar desse estatuto porque o xamã é o médico atribuído de funções divinatórias. Portanto o pajé deve ser poderoso e possuir autoridade para impor-se à desconfiança, à hostilidade, à negligên - cia e ao desafio de adversários. Para ser poderoso torna-se necessário possuir muitos fôlegos, familiarizar-se com os angaturamas, os encantados do ar, da água e da terra, manter um conhecimento prático da função resolutive das plantas que emprega ou que aconselha, do mérito curativo de cáscaras, resinas, raízes, brotos, seiva, folhas, ga lhos, polpa, botões, flores, tubérculos, o que importa ao mundo vegetal em termos de solução eventual de males humanos físicos e quiçá psíquicos, porque a medicina curativa também alude ao aspecto psicológico, posto que neste caso seja menos funcional ou menos praticada.

É o homem-medicina ou o feiticeiro, pajé, o responsável direto e comum pela situa ção que corresponde às equipes de médicos dos nossos hospitais no trabalho de debelar enfermidades coletivas e/ou individuais. Suas possibilidades de atalhar os males

(*) Fundação Universidade do Amazonas.

externos são muitas, recorrendo na grande maioria das vezes à aplicação tópica e/ou via oral, em que desenvolve paralelamente um simulacro de magia, envolvimento que não deixa de ser importante porque está ligado ao pressuposto condicionamento de sacerdote e de mago. Deixa acreditar pelo menos que existe na compostura uma necessidade de ostensiva expressão corporal que inclui além dos trejeitos uma dança ritualística e a expressão vocal com invocações soturnas aos espíritos, uma linguagem pouco audível que se torna também de aparência extra-terrena. Esse tipo de invocação pode resumir tentativas de aliciar os espíritos protetores, convocá-los para auxiliarem na cura do doente ou são atos compulsórios, aquilo que se denomina suborno divino. Dentro dessa ordem de recurso meio espiritual é que se desenvolve a atividade material e prática do pajé. Ele como que se integra num outro mundo e às vezes a dança ritualística é o meio que emprega para agradar ao deus das origens, no caso de doença refratante. Ou pratica paralelamente um ritual de fumigação com caranha reduzida e fasquias. Esse ritual da fumigação é o mais comum nas práticas de cura de moléstias impertinentes onde se suspeita feitiçaria e já o podemos ver nas primitivas ilustrações das obras clássicas dos viajantes estrangeiros cativados pelo Tupinambá. De qualquer sorte o médico-feiticeiro não atua por si próprio, considerando-se apenas um aparelho, mas em estreita conexão com o seu anhangaiuara ou ser tutelar, um ser idescritível, inconfundível na misteriosofia pagã indígena, espécie de deus departamental que alcança as qualidades dispensadoras dos semideuses do panteão clássico e que rege especialmente os departamentos essenciais da natureza, do tipo solo, água, vegetal, fogo, e daí para baixo os departamentos subordinados, temperatura, ar, árvore, cachoeira, lago, rio, fonte, animais do chão, viventes do ar, nadadores, etc. Cada um desses sub-departamentos possui sua atividade protetora comandativa, dispensadora de eflúvios misteriosos que se espera atuem em sentido ambivalente, ou para destruir o indivíduo ou para restituir-lhe a saúde perdida.

É a partir desse procedimento ritualístico que o pajé executa a pretendida cura corporal e/ou espiritual, isto é, aplica cerimoniosamente o remédio adequado. Mas para coletar cada tipo de unidade cultural resolutiva ele precisa estar imunizado ou adquirir uma imunidade superior àquela de que dispõe comumente. Entrar na selva é como penetrar num templo. Não se entra com a alma carregada de pecados, é preciso desvestí-la e adquirir o senso da humildade. E sair de costas, sem olhar para trás. Afagar a irritação do nume ancestral com um subsídio adequado. Hoje em dia o pajé o faz utilizando o tabaco ordinário ou o tabacorana, cujas folhas secas ao sol auxiliam na fábrica do grande cigarro ritualístico. Os nunes da selva são exigentes, portanto o suborno requer o emprego de elementos suasórios, seja dito, um vetor da ordem dos valores aplacativos, ou como se deseja esclarecer, um vegetal provido da capacidade necessária para desmaterializar o conteúdo material do demiurgo e elevá-lo transitoriamente à zona de suspensão entre o céu e a terra de onde poderá contemplar o seu doente e receber a inspiração da cura. Isto é feito no bojo da fumigação. Entretanto existem doenças de natureza misteriosa para muitos mortais, aquelas que se situam no elenco das psicoses. Um panema nessas circunstâncias não espera jamais a cura por intermédio de plantas. É o caso da absurda aceitação definitiva do conhecido "encosto", em que o possesso se considera

transformado na ave acauã. Procede como a ave, canta como a ave e entra num estado de depauperamento geral, situação desagradável para que não existe recurso material. O natural da terra chama para esse estado de psicose "chocar pedras" ou "chocar caroços de tucumã", que é igualmente significado de medo mórbido. Talvez um aspecto regional de licantropia.

Até aqui subministramos os dados referentes à posição relevante do pajé na cobertura do processo curativo interno e externo, isto é, à magia conotada e a aplicação tóptica da puçanga. Sucedendo ao Índio puro, o tapijara herdou-lhe a parafernália sentimental por sua vez transmitida ao mestiço. O grande conhecimento que as populações amazônicas possuem do emprego das plantas medicinais vem por essa linha de transmissão secular, onde a primitiva experiência fixou seus estatutos respeitáveis. O caboco se fez dono da farmacopéia original e natural, inclusive do método de cura pela sugestão, e o que era anteriormente apenas do domínio sagrado passou ao popular popularizado, um tipo de cultura folclórica, o remédio dito caseiro, a puçanga, a meizinha também freqüente nas "bancas de cura" espiritualistas. A puçanga possui portanto o mérito de ser antes de tudo amazônica por conteúdo e definição. Isto se pode admitir desde logo recorrendo-se ao volume extraordinário de unidades vegetais empregadas na cura ou no alívio de doenças freqüentes no ser humano. É claro que após a entrada do vegetal euroasiático como o colono a atividade de médicos e de curandeiros sofreu passageira perturbação, mas depois a indústria farmacêutica também descobriu em muitas espécies vegetais o que era necessário utilizar como remédio eficaz. Todavia, o laboratório natural da selva não perdeu seu prestígio para as populações menos beneficiadas. O pajé ou o curandeiro eventual continua propinando os mesmos sumos e infusões, garrafadas e demais recursos solutivos. Com efeito negativo nas epidemias de sarampo, bexiga, gripe, varicela, catapora, alastrim, diarreia. Dessas a catapora (nome tupi, significando fogo irrompido) parece ser a única tratada com diligência e eficácia à custa de remédios internos e externos. Doenças venéreas, que um padre muito cioso da religião e dos costumes salientava com acrimonia, aconselhando aos soldados o uso de cajuadas em parceria com o respeito ao cristianismo. Essa atitude do ministro católico blasonava contra a atividade dos calvinistas franceses introdutores do chamado "mal francês" ou "mal gálico" que o povo irreverente e sábio passou a chamar simplesmente galiqueira. Esse remédio, o sumo do caju, como o guaraná, a ipecaquanha, a sarçaparrilha, passou à Europa, uns na qualidade específica de resolutivos e outros na acepção de elementos socializadores como o chocolate. Maior difusão porém teve a amêndoa do cacau, que já era utilizada pelo mestiço na forma de pomada, que a farmacopéia do velho mundo transformou no famoso sebo de Holanda dos nossos avós, bom para puxar catarro do peito, com mel de abelha, excelente para inchaços. Foi e continua sendo grandemente empregado com o auxílio da folha de caapeba murcha ao fogo brando primeiro. Ora, os colonos portugueses, holandeses, franceses, ingleses e espanhóis não rejeitaram de nenhum modo o uso correto de recursos paliativos ou definitivos na cura de certas enfermidades e até médicos famosos da Europa aconselhavam o uso delas. A Amazônia continua representando imenso repositório de recursos medicinais, alguns deles já conhecidos através referências escritas de viajantes, sábios,

exploradores, curiosos, outras apenas popularizadas, mas todos eles produtos da experiência milenar do indígena. A Amazônia é por assim dizer a maior farmácia natural de que o homem hábil se abasteceu nestes quatrocentos e três anos do descobrimento do rio das Amazonas. Farmácia ainda pouco explorada cientificamente, mas que talvez pudesse trazer novas surpresas favoráveis à ansiosa procura do homem enfermo, do médico e do manipulador de drogas vegetais.

Muitas dessas drogas vegetais constituíram o ciclo econômico chamado das "drogas do sertão", em cujo rol figuravam a salsaparrilha ou saçarparilha com larga aplicação e consumo no velho mundo e entre nós na forma de xarope; a coca, a canela, a baunilha, a ipecaquanha, o óleo de andiroba principalmente e óleo de copaíba, estas mandadas cultivar com empenho pelo governo português a fim de atender ao largo consumo na Europa, diz Alexandre Rodrigues Ferreira, o sábio naturalista brasileiro.

As notícias do primeiro período colonial português na Amazônia são naturalmente menos completas que os cartapácios dos físicos e boticários do século XVII, mas nem por isso deixam de acentuar a prevalência de certas "ervas medicinais" em que são suprimidos os tônus mágicos, isto é, a categoria antipatizada pelos rigores da Igreja Católica. Mas um dos sacerdotes, o padre Luís Figueira, foi o primeiro "boticário" que a Amazônia possuiu e não consta que fizesse cara feia aos remédios naturais; ao contrário, enfrentava de bom grado a Inquisição, ministrando e aconselhando remédios da terra. Outro sacerdote, o padre João Daniel, recolhia a notícia desses remédios e os publicava no seu TESOURO DESCOBERTO DO MÁXIMO RIO AMAZONAS. Mas sem dúvida o melhor trabalho realizado nesse setor foi o do cientista bávaro Von Martius - NATUREZA, DOENÇAS, MEDICINA E REMÉDIOS DOS ÍNDIOS BRASILEIROS (1844), seguindo-se mais tarde a preocupação de botânicos, etnólogos, memorialistas, até nossos dias. Todavia que o caso mais curioso no Amazonas, do emprego de plantas regionais nas doenças é o do doutor Hermenegildo de Campos. Esse médico que esteve no Amazonas num período de propagação de endemias estranhas, escreveu um tratado tipicamente popular, sem as noções encrencadas da técnica farmacêutica, intitulado - GUIA MÉDICO PARA USO DOS HABITANTES DO INTERIOR DO AMAZONAS. No prefácio teve a audácia de vaticinar o desprezo dos médicos seus colegas contra as páginas populares em que aconselhava ao lado dos remédios convencionais os usados pelo povo.

Reduzido até aqui a termos sumários de introdução teórica o complicado esquema do conhecimento enciclopédico e aproveitamento freqüente das espécies vegetais ditas virtuosas pelos pajês ou feiticeiros, urge que se declare haver também existido em certas sociedades primárias o matauari-sara ou seja o médico exclusivamente dotado de conhecimentos práticos da medicina curativa e portanto grande conhecedor e manipulador de ervas medicinais e plantas conhecidas como tóxicas, venenosas, plantas com propriedades e efeitos capitosos, temulentos, regeneradores, energéticos, alucinógenos, afrodisíacos, calmantes, conceptionais, abortivos, adstringentes, soporíferos, hipocondríacos, anestésicos, liberadores do cansaço e da fome, cicatrizantes, hemostáticos, soníferos, apetitivos, etc. Não é sem razão, portanto, que alguns mais prontos à sistemática antropológica chamasse às plantas medicinais "feiticeiras", outros "mágicas", outros ainda, "milagrosas", mas todos enfim as tivessem por medicinais. O índio chama para os remédios

naturais "puçanga" e para as doenças "panema". Dos rituais da pajelança é que emergem os fundamentos de uma problemática terapêutica. Se a cura do doente não se verifica e ele vem a morrer a curto prazo ou mais tarde, o pajé desonera-se da responsabilidade e transfere a culpa para alguém não raro domiciliado bem longe, um inimigo vivo ou já falecido, ou quiçá um espírito maligno ou um ser inanimado. É sempre muito perigoso essa transferência porque tem havido casos de mortes de inocentes a quem se atribui a culpa do mal, às vezes até a um outro pajé menos conceituado, por inveja ou hostilidade.

Aprendido na escola do Índio o colono reinol se fez familiarizado com a medicina empírica. Da validade científica ou pára-científica das plantas medicinais deu-se conta primeiramente o manipulador de drogas, o boticário, cuja história no Amazonas não se escreveu ainda e que vem engatinhando desde o século XVII ao albor do século XX. Daí por diante a farmácia está distante dos chamados barbeiros e colocadores de bichas ou dos físicos. As plantas medicinais da Amazônia entraram aceleradamente no laboratório e são transformadas em remédios de muita aceitação, inclusive na Europa. Podemos dizer que de 1870 a 1930 (cento e sessenta anos) boticas, farmácias e drogarias produziram remédios em Manaus todos eles mais ou menos baseados na flora regional. Existe inclusive um livrinho hoje raro, FLORA MÉDICA BRASILIENSE, da autoria do falecido médico-farmacêutico doutor Alfredo Augusto da Mata, edição de 1913, rico em informações com receitas e tudo o mais, em que se põe de relevo o préstimo das plantas medicinais amazônicas. Durante o período acima citado, a região foi assolada por várias epidemias e por muitas endemias, de que o paludismo foi e continua sendo das primeiras em termos locais. Houve também surto endêmico de beribéri, numa época em que a carência de alimentação natural era substituída pelos enlatados importados. Para essa doença o médico doutor Hermenegildo de Campos receitava mudança de ares e na impossibilidade aconselhava banhos de cipó-taia esmagado em cachaça e banhos de capitú, esfregações com puxuri ralado e tabaco de corda. Esse puxuri ralado era fervido em água pura o que se adicionava aguardente (se houvesse) e tabaco de corda migado. Igualmente as esfregações com mangarataia esmagada em água pura ou aguardente, ou mucura-caã. E banhos de cipó-puçã. A jamburana ou macaquinha surtia efeito em cozimentos de folhas e raízes que se bebia e banhava o corpo. Outra doença curiosa aparecida em Manaus quando foi instalada a rede de fornecimento d'água foi o satirismo, ou melhor, o saturnismo. Para esta, que era originada do material plúmbeo dos canos, aconselhava-se xarope de jenipapo amargo ou mesmo de jenipaporana. Para as febres palustres além de quinino receitado (nos seringais a população chegou a sofrer de cófose quase geral) aconselhava-se primeiramente um vomitório na base da ipecaquanha quando o doente começava a manifestar enjoos. Após, dava-se-lhe chá de brotos de cajueiro ou de goiabeira. Esse vomitório ainda é aconselhado pelos pajés e podia ser também de apií, de tajamarioba, cabacinha ou pião, sendo este último desaconselhado por perigoso. Esse sisudo médico chegou a declarar no seu livro citado que onde não houvesse médicos deveriam os doentes entregar-se às mãos dos pajés e curadores, sabido que estes possuíam larga experiência na aplicação dos vegetais. Os mesmos pajés Índios receitam para o fígado e baço o cozimento da raiz da caepeba branca, da juúna, da jurubeba. Mais eficiente é o chá da raiz do camapu. Para o fígado temos

a sacaca e a caferana. A iterícia é combatida eficazmente com sucos naturais de jenipapo, de taperebã (cajã) e cozimento de folhas e raízes da erva de morcego (via oral), de jurubeba branca. Feridas brabas cedem com banhos constantes de cáscaras de taperebã, cajueiro, postas em fervedura e aplicadas em temperatura suportável. A iterícia também se cura com a água natural do cipó muiraqueteca servido imediatamente quando cortado. Para ajudar na cicatrização de golpes, feridas, óleo de andiroba fresco aplicado em compressas. Ou melhormente de copaíba, esse elixir da longa vida que desde os tempos coloniais foi exportado para a Europa e seria também uma das grandes fontes de renda da Amazônia. A folha da babosa serve para inflamação do baço: tira-se a baba da folha com um algodão e aplica-se no local inflamado. Para a mesma doença o suco da aningapara macerada e assada no borralho. Envolve-se o macerado num pano e aplica-se no local afetado.

Outra doença que foi muito freqüente na Amazônia é a chamada barriga-d'água ou a cirrose do fígado. Geralmente o método empregado para aliviar o doente era a extração do líquido, mas no interior do Estado aconselha-se a ingestão exaustiva de líquidos que provoquem a urina. Na cura da diarréia e desinteria mesmo crônica ou epidêmica (houve na Amazônia uma epidemia trazida de Portugal) foi de uso o emprego do cozimento da entrecasca da goiabeira ou da maçaranduba. Do cajueiro também serve. O líquido é ajuntado à goma de mandioca feita como para o tacacã, a fim de servir de conduto, mas é certo que a mesma goma possui poder resolutivo. Parece que os remédios naturais contra diarréia ou a desinteria são mais numerosos na razão direta dos centros de maior densidade populacional, pois entre as tribos de Índios a incidência é menor. Ajuíza-se por aí que se trata de alimentos mal conservados, deteriorados, enquanto que a alimentação indígena é sempre fresca, recente, mais leve, frutas e peixes constantemente e caça para variar. O cozimento da fruta do jenipapeiro com açúcar resolve o problema, desde que o jenipapo seja verde e não maduro. Toma-se em colheradas, de hora em hora. O mesmo efeito produz a resina do jutaí dissolvida em água açucarada. O líquido extraído do fuste da bananeira roxa é indicado também. É bebido ao natural, mas em colheradas com intervalo de hora. Prescreve-se nesses casos uma dieta na base do mingau de goma e comidas muito leves. O nosso infalível guaraná entra na cura da desinteria, mas tomado ao natural. Pode apelar-se também para o cozimento do marupaí, utilizando-se apenas as raízes. Também elimina cefalalgias e combate a obesidade o guaraná ralado em língua de pirarucu em conduto de água levemente adocicada. Ou mesmo amargo. Para as damas que aspiram emagrecer é uma boa receita. Ainda se combate a desinteria com o cozimento da erva chamada maria-mole ou erva-de-bicho, conhecida igualmente por taboquinha. Toma-se via oral ou em clisteres. Somente se usa das folhas e raízes. Tornou-se clássico na Manaus de ontem o batatão ralado e espremido num quartilho de água, servindo-se em colheradas. Estamos falando de casos agudos de desinteria, porque geralmente nos casos mais simples pode usar-se a resina da mangueira com água e açúcar ou a água de ameixa posta a dormir, que são remédios estranhos à região, insinuados pela cultura euroasiática. Surte o mesmo efeito cataplasma de timbô ralado em cozimento com farinha d'água ou a maceração da trombetaira. Antídoto apreciável entre os Índios do Rio Branco era o mixiô, um cipó de que se extrai o sumo. Havendo sal de cozinha por perto pode ser

misturado ao sumo. Muitas pessoas aplicam na ferida o suco da japana roxa. Os Índios Mura serviam-se do cozimento do cipó acauã. Diz porém um autor que o contrayeneno mais positivo é o paracari da terra-firme, servindo também o da várzea na ausência daquele. Toma-se em colheradas e aplica-se o sumo à ferida. Desse paracari, de que ouvimos falar tantas vezes, e contar-se milagres, pois não há para sua ação veneno de cobra que resista, nem mesmo das mais perigosas como a malha-de-sapo (jararacuçu). O mesmo autor que estamos citando aponta oito casos em que a aplicação do chá de tintura do paracari surtiu efeito rápido, salvando da morte não somente pessoas como cães. A seguir fornece ele a receita: usa-se toda a planta, vamos dizer cem gramas para quinhentas gramas de álcool puro. Após oito dias está pronta a tintura. Dã-se uma colher das de sopa para um cálice de água, de quinze em quinze minutos. Para crianças, uma colher das de chá em meio cálice de água em igual tempo.

Na cura da histeria propala-se oferecer bom resultado o chá de capim santo, de piri-pirioca. O capim santo também é muito comum como calmante e dizem mesmo que depura o sangue, ao lado do refresco de pega-pinto. Aliás esse refresco de pega-pinto fez época em Manaus, podendo ser encontrado em todos os bares e carrinhos de venda de refresco nas esquinas. Foi muito aconselhado pelos médicos após as terríveis epidemias de gripe espanhola (influenza) e da varíola na década de vinte. Nos envenenamentos acidentais ou não, e à falta de melhor medicamento sempre foi utilizado nos barracões do interior do Estado o carvão obtido da queima da embaúba ou do cedro. Toma-se os pós com água pura. O envenenamento acidental com suco de mandioca é curado com garapa de açúcar grosso. Seria conveniente dizer-se aqui que antigamente o açúcar importado era difícil de ser encontrado não somente entre as tribos de índios como em muitas comunidades civilizadas dos altos rios, usando-se para adoçar as bebidas o mel de abelha. Também o sal de cozinha não era frequente, mas o indígena e o caboco sabem obtê-lo de folhas de palmeira queimadas. A cinza produz um sucedâneo do sal capaz de temperar a comida. Para as doenças de mulheres (excesso de catamênio, corrimento) o indígena socorre-se do pó de uixi ralado (caroço), em água adoçada. Esse remédio é também utilizado após o parto e nos abortos complicados. Para as suspensões utiliza-se a amêndoa do cumaru em cozimento com folhas de arruda. Toma-se cerca de três colheres das de sopa por dia. O cozimento da raiz de pajamarioba, ou fedegoso, em um copo com água adoçada com mel de abelha (duas colheres vulgares) e aguardente (quatro colheres) é útil.

Todo índio velho atacado de caruara (reumatismo articular) aconselha o mururé como a melhor solução para o entramento. O leite extraído deve ser bem conservado em frasco hermeticamente fechado. Toma-se meia colher das de chá do leite em cinco colheres de sopa com água ou leite de vaca. Mas já aludimos ao pau-rosa, em outras oportunidades. Fasquias de infusão em álcool, deixadas envelhecer, pelo menos oito dias até a mistura obter uma cor de tintura. Aplica-se a infusão com massagens fortes no local afetado. Muita gente dã-se bem com o remédio.

Estamos indo longe demais nesta digressão. Nosso objetivo foi apenas ressaltar a oportunidade que possuem as plantas amazônicas na felicidade e bem estar das pessoas infelizes que buscam saúde em lugares onde a medicina convencional e os remédios de

botica não chegam. O índio e o caboco tornaram-se suficientes a si mesmos com a usança desses remédios chamados vulgarmente bárbaros porque não trazem rótulos nem bulas de laboratórios sofisticados. Mas a verdade pura e simples é que as plantas possuem suas virtudes mágicas como pretendem os pajês, mas naturais. As plantas medicinais da Amazônia entraram, algumas, aceleradamente, no laboratório, transformadas em remédios de muita aceitação, mas nem todas foram solicitadas na defesa da saúde do homem branco, que ficou à margem das receitas ingênuas do indígena enciclopédico no seu ambiente natural. O que andava circulando oralmente e portanto com difusão cósmica passou a conteúdo de livros impressos em várias línguas. Defesos à plebe, mantidos secretamente nas bibliotecas conventuais, vieram mais tarde a constituir depoimentos preciosos, furtados ao egoísmo fanático da Inquisição. As chamadas "ervas do diabo", as ervas milagrosas no conceito popular, passaram a justificar sua aplicação e receberam os mais altos panegíricos, inclusive o de "ervas santas". Mas se é verdade que muitos vegetais, aplicados na dosagem comedida, traziam bem estar ao corpo necessitado, por outro lado os venenos sutis também cumpriam seu mandato pernicioso no círculo de atividades negativas, embora a esses venenos a comunidade não tivesse acesso e o conhecimento deles fosse exclusivamente de uma minoria. Os pajês sabem disso tanto quanto os Bórgias ou os nigromantes. A Europa se fez perita na manipulação e emprego de venenos intravenais ou orais, por isso não é de admirar que na Amazônia o xamã ou o matauri-sara se deleitasse na composição complicada de misturas vegetais com a dupla finalidade de curar e matar, conduzir a morte mesmo à distância na ponta das flechas. Essa ciência laboratorial muito primitiva mas assim mesmo compensadora antecede de muitos séculos ao humanismo científico moderno, no caso por exemplo da suspeita de valores curativos do tipo penicilina. O mofo já era utilizado como condimento à fabricação de uma bebida temulenta muito comum entre os índios e que chegou mesmo a ser industrializada em Manaus: o pajauaru, espécie de cerveja fermentada de acordo com a necessidade do indivíduo. O tratamento se fazia na base do beiju de farinha de mandioca posto a mofar numa estufa, após o quê, por processo rudimentar era filtrada a água deitada aos poucos sobre várias camadas de beiju intercaladas de folhas de pacova-sororoca, num estrado de talas acondicionado dentro dos bojudos recipientes denominados igaçauas. A fábrica do curare não é menos trabalhosa, requerendo além do cipô desse nome o acréscimo de certos vegetais somente do conhecimento dos químicos experimentados da tribo. O que se torna mais difícil de compreender-se é a ciência dos contra-venenos. No caso do curare o ferido por flecha ervada não espera sobreviver muito tempo porquanto o veneno passa à corrente sanguínea. Deve portanto o guerreiro que se expõe estar premonido de sal de cozinha. O mesmo se aconselha para a peçonha dos ofídios e de insetos daninhos, do tipo escorpião gigante e aranha caranguejeira.

Pergunta-se geralmente porque o índio não é propenso às febres palustres no seu ambiente natural, mas vulnerável quando socializado cá fora. No entanto que morre de um simples defluxo. Está imunizado por séculos de ingestão de infusões precitadas? Ou sabe curar o sangue atingido pelos hematófagos? Inquire-se da razão porque não se vê no índio a pestilência das dermatoses, as chagas ou os aleijões reumáticos. Com exceção

talvez das escaras ostensivas do purupuru (que passava no rio Puru, entre a índia, por ornamento epidérmico sugestivo) é muito improvável a semeadura letal das febres palustres, não assim quanto a doenças venéreas, bexiga, sarampo, varicela, gripe, diarreias implantadas pela civilização européia.

Note-se que o pajé não está no mesmo nível do curandeiro chamado, quanto ao conhecimento e aplicação dos recursos vegetais curativos. Ele é mais sábio e mais erudito até no conhecimento dos venenos e antídotos. Posto que ambos possam utilizar-se de embustes, o pajé possui sobre o curandeiro comum a arte difícil da palavra sugestiva. Enquanto ativa o seu poder misterioso ele fala. Fala entre dentes. A palavra possui o dom da magia, mesmo que seja apenas sugestão. Nos processos escantatórios o sibilar das rezas soturnas do pajé faz parte do corpus ritualístico imprescindível. Geralmente não se percebe o que ele diz porque a reza é cantada monotonamente em linguagem criptofônica, mas de uma gravação feita por nós durante certa sessão de cura, conseguimos surpreender pelo menos duas palavras recitadas em língua geral: "caã, mani". Sendo "caã" o vegetal de qualquer espécie e "mani" a alma ou espírito, pois que todo ritual xamanista gravita em torno de uma invocação misteriosa aos espíritos ou a um espírito particular da simpatia do mago operante. Mas é certo agir ele de maneira a dar a ilusão de que suas curas possuem influência metafísica. É o caso de chupar uma ferida agitando o maracá. Ou dançar em volta do doente, dando saltos nervosos, correndo, abaixando-se, to do possesso. Ou fumar sozinho ou em assembléia o cigarrão de baruri, instrumento de sua comandância espiritual. Por necessidade desse ambicioso conjunto de atividades ele não dispensa o auxílio também das plantas alucinógenas. Um certo pajé receitava para inapetência o cozimento das flores murchas da liamba ou maconha. Um estimulante para os músculos internos. Mas também você pode aceitar a beberagem conhecida por saracura-mirá (ou mirá) que dizem servir para impotência, ou a infusão de catuaba. Mas certamente de todas as bebidas embriagativas ou não, de origem indígena, o que me delicia o paladar são o pajauaru e a saracura-mirá.

Nós não esgotamos o assunto. Não se pode evidentemente em uma hora falar de coisas que demandam anos para aprender-se. Todavia é justo assinalar que este Simpósio constitui a garantia de que o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) está, sempre esteve interessado no estudo e na exploração do acervo florístico amazônico. E que também já existem páginas escritas sobre o tema aqui abordado. Peço portanto humildemente perdão por haver tocado no âmago da ciência sem possuir as qualidades necessárias para falar de remédios, de plantas medicinais, de curas, etc.

Referências bibliográficas

- Campos, Hermenegildo de - 1910. **Guia Médico para os Habitantes do Interior da Amazônia** 2 ed. Porto.
- Cid, Pablo (Moacir Gonçalves Rosas) - s/d. **Plantas Medicinais e Ervas Feiticeiras da Amazônia**, São Paulo.
- Daniel, padre João - 1976. **Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas**, edição da Biblioteca Nacional, v. 95, Rio de Janeiro.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues - s/d. **Viagem Filosófica à Capitania de São José do Rio Negro**, edição do MPEG e CNPq, Belém.
- Martius, Carlos Frederico Felipe von- 1939. **Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844)**, São Paulo.
- Monteiro, Mário Ypiranga - 1952. **O Complexo Gravidez-Parto e suas conseqüências (Folclore Amazônico)**, Manaus.
- Silva, Marlene F. da; Lisboa, Pedro L.G.; Lisboa, Regina Célia L. - 1977. **Nomes Vulgares das Plantas Amazônicas**, Manaus.